

# **Chefia femenina monoparental: estrategias familiares de un grupo de mulheres chefes do domicilio.**

Carla Sabrina Favaro.

Cita:

Carla Sabrina Favaro. (2009). *Chefia femenina monoparental: estrategias familiares de un grupo de mulheres chefes do domicilio*. X Jornadas Argentinas de Estudios de Población. Asociación de Estudios de Población de la Argentina, San Fernando del Valle de Catamarca.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-058/60>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eoTk/aGe>

## **Chefia Feminina Monoparental: estratégias familiares de um grupo de mulheres chefes de domicílio**

Carla Sabrina Favaro

IFCH/UNICAMP – Campinas/Brasil

Email: [sabrinaf@nepo.unicamp.br](mailto:sabrinaf@nepo.unicamp.br)

**Abstract:** O fenômeno da chefia feminina e sua expansão, ainda hoje, são encarados por alguns segmentos das Ciências Sociais como um exemplo de desorganização e declínio dos valores familiares, principalmente quando se trata de arranjos monoparentais. Entretanto, pesquisas recentes têm mostrado que, no Brasil, esses domicílios não são os mais pobres entre os pobres e constituem unidades familiares viáveis e não anômicas. A partir desses estudos, as mulheres chefes aparecem como a referência mais importante de suas famílias e também como protagonistas de profundas transformações das relações intra-familiares.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a organização doméstica e as estratégias familiares de mulheres chefes de domicílio, de baixa renda, que vivem em arranjos monoparentais. Para tanto, a investigação se deu através de metodologia qualitativa, desenvolvida a partir da coleta de entrevistas em profundidade e histórias de vidas de mulheres que vivem na Região Metropolitana de Campinas. Esse trabalho procurou captar as estratégias familiares das chefes, como elas organizam sua vida doméstica e como se dão suas relações sociais. Através da análise dos processos que desencadearam a chefia e como as entrevistadas se vêem ou não como as chefes e principais responsáveis pelos seus domicílios, este trabalho objetiva também analisar de que maneira essas mulheres podem se tornar ou não mais autônomas e independentes a partir de suas experiências e relações sociais intra e extra familiar. O trabalho demonstra que as chefes pesquisadas são os pilares principais dos seus domicílios, possuindo consideráveis redes sociais que lhes permitem organizar e administrar seus domicílios de maneira autônoma, apesar das dificuldades pelas quais passam.

### **Introdução:**

Mesmo com alguns avanços das análises sobre famílias nas últimas décadas, sua grande complexidade demanda ainda muito estudo e análises aprofundadas. Sair das formulações generalizantes e procurar estudar as famílias no plural e não como um todo uniforme e homogêneo (a família) demanda ainda grande dose de esforço teórico e empírico.

O presente trabalho situa-se na intersecção dos estudos de família e gênero e tem como principal objetivo apresentar alguns dados de uma pesquisa realizada com mulheres chefes de domicílio monoparentais na Região Metropolitana de Campinas. A pesquisa focaliza, portanto, as unidades familiares constituídas por mulheres com filhos e sem a presença de um cônjuge masculino, podendo ou não ter outro parente residente. Tentou-se investigar quais estratégias estes domicílios utilizariam para a captação de recursos de diversas ordens. A bibliografia latinoamericana tem apontado que diante da ausência do homem, várias mulheres fazem uso de sua rede de parentesco, muitas vezes estendendo a família com outros membros, com o objetivo de melhorar as condições de vida de suas unidades domésticas. Dessa maneira, se mostrou fundamental, analisar como esses domicílios se articulam, formando redes sociais, na tentativa de obterem benefícios de diversos tipos.

Este trabalho é norteado pela hipótese de que a chefia feminina não é necessariamente causa da pobreza nem conduz à sua reprodução. Corroborando parte da literatura brasileira sobre o tema, Safa (1999, p. 10) assevera que *“las unidades domésticas encabezadas por mujeres no necesariamente son las más pobres, y que cuentan con los recursos para funcionar como familias sanas e estables”*.

Outro ponto que a literatura sobre o tema aborda e que se mostra de fundamental importância no contexto analisado é a sugestão de que as mulheres que assumem a chefia de seus domicílios - diante da ausência de marido/companheiro - ampliam seu universo de relações, agregando novos membros como parentes e vizinhos. Tal ampliação pode resultar na formação de redes sociais que se

configuram em importantes fontes de apoio seja cotidianamente, seja nos momentos de crise. Nesse sentido, é possível que os domicílios monoparentais chefiados por mulheres possam desenvolver importantes redes de relações sociais visando benefícios mútuos, com as mulheres podendo atuar tanto como receptoras, como doadoras de apoio.

Acredita-se também que no contexto da monoparentalidade, as chances das mulheres desenvolverem maior autonomia e independência são consideráveis. Segundo Bilac (1991) e Oliveira (1992), a possibilidade de sobrevivência da mulher sem a presença de pais, companheiros ou filhos adultos abre a possibilidade de uma maior “autonomização”, fazendo com que elas possam formar ou encontrem outros núcleos de interesse ou redes de sociabilidade apoiadas em vínculos não conjugais.

Neste contexto, mostra-se de fundamental importância analisar a organização dos domicílios chefiados por mulheres, tendo sempre em mente sua inserção em uma sociedade marcada por padrões tradicionais de família que, muitas vezes, só discute outras possíveis organizações para taxá-las de desorganizadas. Destacar a diversidade dos arranjos domiciliares, além de ampliar os conhecimentos sobre esse tipo de arranjo e das suas circunstâncias, lança luz sobre um fenômeno que ainda é visto como referente a uma minoria indesejável e anômica (Wartenberg, 1999). A própria designação do termo chefia também suscita o questionamento se ele não é mais fruto de uma construção teórica - que visa designar o “ego” do domicílio pra quem faz esse tipo de análise - do que propriamente um conceito presente no imaginário social. Como colocado acima, o estigma que as chefes carregam ainda é muito grande, sendo designadas, muitas vezes, como “mulheres abandonadas”.

No âmbito dos estudos sobre as transformações no interior das famílias, uma análise mais aprofundada dos domicílios chefiados por mulheres também se apresenta muito importante, porque mostra de maneira muito clara como a mulher não assume o papel que foi pré-definido a ela em uma sociedade com traços marcadamente patriarcais como a brasileira. Seja porque foi abandonada pelo companheiro, porque decidiu viver só ou somente com filhos e\ou agregados ou também porque, mesmo com a presença de um companheiro, se coloca com a principal responsável pelo seu domicílio. Entender como a mulheres chefes se organizam e se articulam sem a marcada autoridade masculina permitirá sem dúvida um maior entendimento das transformações que vêm ocorrendo nas famílias brasileiras.

Mesmo encarando os arranjos familiares como estruturas dinâmicas e mutáveis, ainda é possível analisar as famílias como uma instituição, uma vez que nelas se desenvolvem relações de gênero e geração, em um contexto de regras e expectativas de comportamento, tensões, direitos e deveres. Nesse sentido, Therborn (2006) mostra que é necessário entender as famílias como um espaço privilegiado de disputa entre sexo e poder, envolvendo membros e não membros dela, no interior de um sistema que abrange relações consanguíneas e de aliança. Dessa forma, então, para qualquer pessoa que tenha como objetivo analisar o grande universo que são as famílias, é preciso, em primeiro lugar, entender que nele, a palavra diversidade é muito importante. E não pode vir acompanhada de graus de valoração taxando os diferentes tipos de melhores ou piores, organizados ou desorganizados, intactos ou incompletos.

É nesse rico e diversificado quadro que ocorre a análise dos domicílios chefiados por mulheres. O aumento da chefia feminina, segundo Safa (1999), tem sido um fenômeno mundial e em muitos países ainda é encarado como um exemplo de desorganização e queda dos valores familiares. Quando se entende que a chefia feminina é um fenômeno que engloba aspectos tanto socioeconômicos quanto culturais, pode-se entender de maneira mais clara seu crescimento (Safa, 1999).

Os estudos das famílias e mais especificamente das transformações familiares envolvem um leque bastante grande de arranjos e processos sociais historicamente definidos e que não podem ser universalizados. Diante das inúmeras transformações pelas quais as famílias vêm passando, como diminuição da fecundidade, aumento do número de divórcios, da inserção das mulheres no mercado de trabalho e das uniões consensuais, inúmeros trabalhos sobre essas mudanças surgem com diferentes perspectivas. Vários estudos como os de Morgan (1999) têm mostrado que tais mudanças vêm ocorrendo mais no interior das famílias nucleares e que as alterações nas relações de gênero e geração são alguns fatores que podem ajudar a explicá-las. Neste sentido, e de acordo com Therborn (2006), as famílias e os arranjos familiares têm ficado cada vez mais complexos, não cabendo mais a associação família com um tipo dela, a família nuclear. As análises dos arranjos familiares não devem ser associadas a valores atemporais e imutáveis. Não existe uma “família normal” como também não existem “famílias incompletas”, todas as possibilidades de arranjos familiares, seja o modelo nuclear

de família, sejam aquelas complexas e/ou chefiadas por mulheres, devem ser analisadas a luz dos contextos históricos e sociais aos quais estão inseridos.

Toda a complexidade das análises que envolvem as famílias também não podem prescindir das categorias de gênero e geração, uma vez que é no interior das famílias que tais categorias são fortemente desenvolvidas. Segundo Macedo (2008) foi a partir da introdução das teorias de gênero nos estudos sobre os arranjos familiares que houve a disseminação da crítica ao modelo dominante de família e à família patriarcal. É possível dizer, então, que a crítica a este modelo permite a consolidação de uma nova maneira de se analisar os arranjos domicílios, propiciando pensa-los de maneira crítica, como também a inserção das mulheres em tais arranjos.

Trabalhos como de Goldani (1994) mostram tanto as permanências como as mudanças nas desigualdades de gênero no interior das famílias, assinalando que a coexistência de diversos arranjos domiciliares e familiares possibilita uma visão menos conservadora, superando a idéia da suposta “crise da família”. Apesar das inúmeras desigualdades de gênero ainda existentes nas famílias brasileiras, nota-se que presença de algumas transformações das relações hierárquicas nas relações familiares podem também engendrar mudanças significativas na inserção das mulheres nas famílias e na sociedade (Pinelli, 2004). O aumento do nível de escolaridade feminina, superando o masculino e a maior participação feminina no mercado de trabalho, reduzindo o modelo do provedor único e masculino, podem ser indícios de algumas transformações nas desigualdades de gênero que vem ocorrendo nas últimas décadas. E é no interior dessas mudanças que os domicílios chefiados por mulheres também podem ser inseridos. De acordo com Barsted (1995) - na análise que faz das mudanças na inserção social das mulheres - o aumento da chefia feminina nas camadas populares possibilita repensar as dinâmicas das relações sociais e familiares, permitindo um possível deslocamento de padrões hierárquicos entre homens e mulheres. Segundo a autora, os domicílios chefiados por mulheres não superaram suas assimetrias de gênero, porém a ausência do homem provedor pode fazer com que as mulheres se sintam mais valorizadas quando administram seus domicílios.

Apesar do fenômeno da chefia feminina não ser novo (Costa, 2000, Sâmara, 2002) ainda é encarado como uma nova e preocupante realidade. Tal idéia pode ser produto de uma visão que apresenta as organizações familiares no Brasil como se fossem um todo uniforme, representado principalmente pela família nuclear conjugal (Macedo, 2008; Côrrea, 1982). Entretanto, pode-se perguntar diante de tal quadro o que realmente é novo quando se fala de chefia feminina. Estudos como de Costa (2000) e Sâmara (2002) mostram que o tal fenômeno já era encontrado nas camadas populares no século XIX no Brasil e na Região Metropolitana de Campinas e Woortmann (2002) e Macedo (2008) sugerem que a maior visibilidade que os domicílios chefiados por mulheres vêm ganhando pode ser explicada pela sua expansão entre a classe média brasileira. Segundo o Woortmann (2002) autor, as transformações que atingiram a condição feminina e os arranjos familiares da classe média fizeram com que a chefia feminina deixasse de ser um fenômeno visto somente nas classes populares para atingir também os outros setores sociais. Neste contexto, a expansão dos estudos de gênero também auxiliaram no aumento da relevância deste tipo de arranjo familiar.

Nesse sentido, é muito importante deixar claro que os casos de monoparentalidade feminina assumem diferentes facetas, dependendo do estrato social da mulher. Bilac (1991) assinala que a chefia feminina de mulheres de classe média ou alta é bastante diferente daquelas das classes mais baixas. Enquanto grande parte das primeiras assume a chefia do domicílio enquanto profissionais qualificadas que administram seus lares delegando as tarefas domésticas às empregadas, as mulheres das classes de renda mais baixas assumem a responsabilidade por seus domicílios tendo, muitas vezes, que conciliar o cuidado da casa, dos filhos e o trabalho remunerado.

Quando não há a presença masculina, de acordo com Neves (1985), a chefia feminina não pode ser entendida como uma negação da necessidade do matrimônio. Ela muitas vezes é resultado da violência familiar, de traições e da presença de companheiros que não ajudam as mulheres na manutenção financeira do domicílio, devido a outros gastos

De qualquer maneira, é importante salientar que os domicílios de chefia feminina e expansão não tem se dado somente entre as mulheres da classe média. O aumento dos domicílios chefiados por mulheres tem sido um fenômeno mundial e que envolve todas as classes sociais (Safa, 1999). Segundo Oliveira (1992),

*“As mulheres sem companheiro oferecem uma oportunidade socialmente privilegiada para o exame de alternativas de organização doméstica. Mulheres solteiras, separadas ou divorciadas e viúvas enfrentam a contingência de constituir um mundo doméstico a partir de outros vínculos que não o conjugal. Obviamente que a ausência de um companheiro não constitui a única contingência relevante. Ter ou não filhos, pais e outros parentes constituem também fatores a partir dos quais se configuram as alternativas de organização do universo do cotidiano.” (Oliveira, 1992, p. 157)*

## **Apresentação do trabalho de campo e condicionantes da chefia feminina monoparental**

Como já dito anteriormente, o principal objetivo do trabalho é captar as estratégias familiares de mulheres chefes de domicílio que não contam com a presença de maridos ou companheiros, ou seja, mulheres que vivem em arranjos monoparentais (compostos por mães e filhos com a presença ou não de outros parentes/agregados). Para a captação de dados, durante os meses de outubro de 2007 e junho de 2008 foram realizadas vinte e duas entrevistas com mulheres chefes de domicílios e uma com chefe de família na Região Metropolitana de Campinas.

As entrevistadas apresentam faixa etária que varia entre os 23 e os 54 anos, com forte predominância de mulheres que se declararam negras e evangélicas. Há grande número de mulheres que não terminaram o ensino fundamental, 14, porém, há uma maior proporção das que terminaram o ensino médio, 6, em detrimento das que não terminaram, 4. Nenhuma mulher analfabeta foi entrevistada.

Quanto as ocupações, oito mulheres estavam desempregadas no momento da entrevista, e uma não trabalha. Além da ajuda de suas redes familiares e sociais, duas das mulheres desempregadas viviam com o dinheiro da pensão alimentícia dos filhos, duas com a pensão dos maridos falecidos, três com o Bolsa Família, uma com a aposentadoria da mãe e o Bolsa Família. Grande parte delas também faz serviços esporádicos como faxinas, mas não soube precisar quanto conseguem tirar mensalmente com esses pequenos serviços. Das mulheres que trabalham, as rendas variam entre R\$ 380,00 e R\$ 1500,00. A maior parte começou a trabalhar com menos de 16 anos de idade.

O número médio de pessoas por domicílio no universo pesquisado pode ser considerado alto, 4,9 pessoas por domicílio. Esse fato pode estar atrelado ao relativamente alto número de filhos por mulher, média de 3,54, quando comparado com a média brasileira. Em se tratando de um trabalho qualitativo, esse número talvez não diga muito, mas é importante notar que há mulheres com 1 e 2 filhos como também mulheres com 6 e 9 filhos. A existência de pagamento de pensão por parte dos pais das crianças não é grande. Das 18 mulheres que não são viúvas, somente seis recebem pensão alimentícia.

Empreender uma análise em termos qualitativos do fenômeno da chefia feminina monoparental sem entender os pormenores que desencadearam tal situação deixaria o trabalho um tanto incompleto. As especificidades do fenômeno e a maneira como ele se desenvolveu lançam uma luz importante sobre como os domicílios são organizados, especialmente no que concerne à maneira como as chefes analisam sua situação e se vêem (ou não) como as principais responsáveis pelas suas famílias. Dessa forma, analisar as maneiras através das quais as chefes assumiram a responsabilidade por seus domicílios deve envolver um diálogo constante entre um conjunto de diferentes fatores que, entrelaçados, resultaram na chefia feminina.

Neste sentido, examinar as trajetórias dessas mulheres até a chefia se configura como um ponto de partida essencial para entender a organização doméstica de suas casas e as estratégias familiares que adotam. Além disso, a inserção no mercado de trabalho pode dar algumas pistas esclarecedoras para entender como as chefes podem ou não adquirir maior autonomia e independência diante da responsabilidade de administrarem seus domicílios.

No universo pesquisado há um considerável número de razões que levaram estas mulheres a se tornarem as principais responsáveis por seus domicílios. A grande maioria destas razões está relacionada com a saída dos maridos/companheiros de casa, seja por viuvez, seja por separação. Entretanto, é possível notar, em alguns casos, que esse processo de assumir a responsabilidade da família começou quando elas ainda viviam com seus companheiros. Como é possível verificar nos

relatos abaixo, mesmo com a presença dos maridos/companheiros, algumas mulheres já sustentavam suas casas e esse fato colaborou muito na decisão de se separarem.

Era só eu, as crianças eram pequenas, né, o Nei era menor de idade, mas mesmo assim, ele foi trabalhar no supermercado Barão de pacoteiro né, pra poder me ajudar, né. E a família era bastante grande né, e sem a ajuda do marido tudo, ai ele foi trabalhar e me ajudava né. Porque eu passava uma miséria, Deus que me perdoe, dentro de casa. Eu trabalhando e as crianças pequena. Então, era só eu mesmo, que eu venho carregando minha família nas costas já faz muito tempo, muito tempo, que eu venho sozinha lutando. (Damiana, 51, doméstica, 4 filhos)

**E por que vocês se separam?** Porque o Aldo (primeiro companheiro) é um vagabundo, não queria trabalhar de jeito nenhum, eu não tenho sorte pra isso. **E como era sua vida de casada com ele?** Era maravilhoso, eu tinha que acordar cedo, trabalhar e ele ficava em casa, dormindo até meio dia. **Ele não trabalhava?** Ele não fazia nada, ele nunca teve um emprego bom, ele nunca teve um emprego. Ó, eu vou falar uma coisa pra você, com a vida que eu tenho hoje, não é uma vida maravilhosa, entendeu, não é uma vida que eu possa falar pra você, “nossa, que maravilha”, mas é bem melhor do que antes.

**Por que vocês se separam (do segundo companheiro)?** A vagabundeza também, não gostava de trabalhar. É que ele viu, é porque eu sempre fui assim....menina, eu saia pra trabalhar, ele ficava em casa no bem bom, fazendo filho com a minha tia, ele fez filho com a minha tia ainda. Eu tava com um chifre de boi maior que eu. Aí depois, aí conclusão, eu larguei dele, eu tava louca, eu tava desesperada pra largar do Maurício, eu sempre fiquei desesperada pra largar do Maurício. Aí larguei do Maurício... não, minto, teve um dia que a CPFL foi lá, cortou nossa luz, a Sanasa foi e cortou nossa água. Aí ele pegou e se mandou pra casa da mãe dele. E eu lá com as criança panguando. Eu falei, “tudo bem palhaço, você vai ver”. Aí separamos e eu já fiquei com outro. Aí o Maurício ficou comigo na perseguição, mais de 1 ano, 2 anos, menina, eu entrava dentro do ônibus, o Maurício ia que nem louco dentro do ônibus, me seguindo. Ele ia à porta da minha casa, você precisa ver o inferno que ele fez na nossa vida. Resumindo a história, sabe o que ele fez? O Maurício me colocou numa cadeira de roda. Me atropelou eu na porta da minha casa, me colocou numa cadeira de roda. Aí ele foi, parou na justiça, você precisava ver. Aí ele teve se virar pra pagar pensão.

**E ele não ficou preso?** Não porque eu fui e retirei a queixa por causa dela aqui (filha). (Ivete, 35, cozinheira, 5 filhos)

Nestes casos expostos até aqui, as chefes, mesmo quando unidas, já assumiam a responsabilidade por seus domicílios e não contavam com a ajuda dos seus ex-maridos/companheiros. Desta maneira, então, pode-se dizer que assumir a responsabilidade pelos domicílios no caso dessas mulheres não se deu com a saída de ex-maridos/companheiros de casa. Durante muito tempo, elas já vinham assumindo essas responsabilidades que, em tempos anteriores, eram dos homens. A saída deles não acarretou mudanças significativas nesses domicílios como a saída de um provedor, como parte dos estudos sobre chefia feminina postula (Barros et. al, 1987). As mudanças oriundas dessas separações, segundo essas mulheres, tiveram um caráter mais emocional, pois a partir da saída de ex-maridos/companheiros, elas não precisaram mais ter que lidar diariamente com os transtornos que esses homens causavam. Pode-se dizer então, que, nesses casos, os homens aparecem mais como pesos que as chefes tinham que suportar do que como figuras de autoridade e provedores dos seus domicílios.

O não suporte financeiro da família também se atrela em alguns casos à violência doméstica e ao alcoolismo. No universo pesquisado, há cinco casos em que o alcoolismo e/ou a agressão física são relatadas como causas de rompimento da união. Em todos eles, as chefes viveram durante bastante

tempo sendo agredidas e/ou convivendo com o alcoolismo dos companheiros. Entretanto, é importante notar também que o processo de separação dessas mulheres não foi estabelecido devido unicamente a uma causa e deve ser analisado com muito cuidado. Em muitos casos, as mulheres não se separaram única e exclusivamente porque os companheiros/maridos não sustentavam a casa ou por causa de agressões ou alcoolismo. Todos eles foram fatores muito importantes na tomada de decisão, porém quando agrupados com outros. Mesmo quando as mulheres declaram somente uma causa de separação, por exemplo, a traição, é possível perceber posteriormente em seus discursos que outros motivos como agressões ou não pagamento de contas da casa contribuíram para que elas não permanecessem unidas. De acordo com Sarti (1996), as famílias das classes populares seriam regidas por uma ordem moral que comanda todas as relações sociais em volta dela. Nesse sentido, a autora assinala que nesses contextos há uma força simbólica muito grande, na qual o homem aparece como o provedor do teto e da alimentação e a mulher como a administradora do lar. A partir dessas premissas, qualquer desvio do homem a essa norma faria com que ele perdesse sua moral e honra. O trabalho nesses contextos faria “do homem, homem”, e que aquele que não o fizesse, perderia sua autonomia moral e honra. O homem alcoólatra também teria o mesmo tipo de perda.

Entretanto, um ponto em comum em grande parte das entrevistas de mulheres que se separaram ou se divorciaram é a falta do homem enquanto provedor como um fator decisivo para a separação. Nestes casos, as mulheres viveram durante muito tempo com problemas sérios vindos dos ex-companheiros, como as agressões. Porém, nos casos em que apesar das agressões, do alcoolismo e das traições, os homens ainda provinham seus domicílios financeiramente, as chefes permaneceram muito tempo unidas ou casadas. Dessa maneira, então, é possível notar que a figura do homem nestes domicílios ainda está fortemente associada à idéia de provedor financeiro e o grande responsável pela família. Quando este homem deixa de ser o provedor, ele se transforma em um peso que as mulheres têm e não gostam de carregar. Sua saída do convívio familiar é um ponto de muita tensão, porém, resulta em tranquilidade e na possibilidade dessas mulheres desenvolverem outros tipos de relações sociais. Isto pode incluir também a inserção delas no mercado de trabalho, contribuindo para a possibilidade de maior independência e de administrarem seus domicílios de maneira satisfatória.

Separações causadas devido a traições dos ex-companheiros foram relatadas em cinco entrevistas. Em duas delas, as mulheres também eram agredidas e em outra, o ex-marido não colaborava na manutenção da casa como a chefe achava que deveria. É no contexto de separações nas quais traições aconteceram que há os únicos relatos de três mulheres que foram abandonadas pelos ex-companheiros. Em todos os outros, elas tomaram a decisão de se separar. Houve algumas tentativas de reconciliação em alguns casos, logo no início da separação ou posteriormente, mas as chefes decidiram permanecer sozinhas.

Neste sentido, os diversos problemas pelos quais essas mulheres passavam e a ausência dos ex-maridos/companheiros enquanto figuras paternas para seus filhos, não só enquanto provedor, são fatores que, somados a todos os outros, influenciaram as chefes quanto à decisão de se separarem. Para elas, o importante era ter um marido/companheiro em todos os sentidos que a palavra pode ter, ou seja, elas esperavam que eles assumissem não só a manutenção financeira de suas famílias, mas também o cuidado e apoio aos filhos. Quando pelo menos um desses quesitos, principalmente o primeiro, ainda existia, elas permaneciam unidas, apanhando e convivendo com o alcoolismo do marido, em alguns casos. Isto porque o homem ainda desempenhava um papel socialmente designado a ele.

Quando este homem deixa de fazê-lo, se transforma em um fardo que desintegra sua importância e função dentro desta família. Ele deixa de ser um membro dela para se transformar em um problema, fonte de vergonha e decepção. E no momento em que as chefes percebem que já tinham tomado a responsabilidade de seu domicílio para si, elas optam pela separação. Isto acontece não somente para se livrarem dos problemas, das discussões e brigas, mas também porque essas mulheres sabem que uma figura adulta a menos na sua casa lhe trará mais benefícios (um dependente a menos para ela sustentar) do que inconvenientes e que elas podem continuar mantendo seus domicílios.

**Assumindo as responsabilidades: organização doméstica e estratégias familiares dos domicílios monoparentais chefiados por mulheres**

A organização dos domicílios, no universo pesquisado, obedece a determinadas regras que tem como pilar principal a chefe/mãe. São elas que delegam as tarefas, que organizam as atividades e a divisão do pagamento das despesas. Mesmo nos domicílios onde há mais de um núcleo de reprodução, todas as decisões passam pelas chefes da residência. Dos vinte e três domicílios visitados, seis são compostos por famílias complexas, duas por três núcleos de reprodução e quatro por dois. Todos os núcleos secundários e terciários são formados por filhas e netos das chefes. Em dois casos há também a presença de genros. Em grande parte das famílias complexas, houve a presença de gravidez na adolescência das filhas quando todas elas ainda moravam nas casas das chefes. Esse fato mostra o caráter inter-geracional do cuidado muito importante que permeia todos essas famílias. Em todos esses casos, nunca houve ruptura com a casa materna.

Quanto à organização cotidiana dos domicílios, grande parte das chefes é a principal responsável pela manutenção da limpeza, o cuidado com as roupas e com a alimentação das suas famílias. Esses achados corroboram a bibliografia sobre o tema (Agier, 1990) que apresenta a organização doméstica e o cuidado com a família como importantes atividades que guiam a vida feminina. E é nesse contexto que se pode verificar a sobrecarga de trabalho que as chefes possuem (Lavinias, 2006; Pacheco, 2005; Mendes, 2004). Entre as que não trabalham, o tempo é dividido entre o cuidado da casa e dos filhos, e as que possuem uma atividade, agregam esse terceiro fator ao uso do seu tempo.

“Menina, tem dia aqui que é um sufoco, tenho vontade de sumir. Acorda cedinho, arruma essa criançada pra ir pra escola, vou pro serviço, fico lá o dia todo e quando chego ainda tenho que pensar em janta, em casa pra limpar, roupa pra lavar. É criança brigando, é criança com dor de barriga, é conta pra pagar, é tudo. Olha, tenho que ser 1000, senão não daria conta não” (Ivete, 35, cozinheira, 5 filhos).

As redes são importantes na dinâmica familiar de muitas das chefes, porém quando um membro desta rede está na casa delas, ele é uma visita e não parte integrante do domicílio, enquanto possível executor das tarefas domésticas. As casas são das chefes, então, são elas que delegam tarefas para os moradores ou executam as mesmas. As mulheres que têm filhos pequenos e não possuem outros moradores nos domicílios são, então, as únicas executoras dos serviços domésticos. Já as que possuem filhos adolescentes podem contar com o auxílio deles nesses serviços, porém de maneiras diferentes.

Quanto às estratégias familiares das mulheres chefes, a literatura brasileira sobre o tema aponta que a análise do uso e da articulação das estratégias familiares na conformação de redes sociais de ajuda mútua se dá como um projeto que envolve principalmente consangüinidade (Fonseca, 1995, 2004; Sarti, 1996; Salem, 1981; Woortmann, 1987; Pacheco, 2005; Agier, 1990; Neves, 1985, Bilac, 1978; Guimarães, 1998; Hita-Dussel, 2004).

Voltando às redes sociais, averiguaram-se as maneiras através das quais as redes de parentesco dessas mulheres podem funcionar enquanto um recurso nos momentos de maior privação. Os parentes também atuam como um suporte ao qual as chefes podem recorrer em diversos momentos. Essas mulheres apontam suas redes familiares como elementos que no dia-a-dia de suas famílias e domicílios aparecem como fonte de socorro e apoio, seja material ou no cuidado com os filhos. Excetuando as mulheres migrantes que não possuem parentes que moram na região, todas as outras apontam pelo menos um familiar como fonte de ajuda. Nesse sentido, os seus parentes próximos, principalmente do sexo feminino, aparecem como um fator de peso na articulação das estratégias de parte dessas mulheres para a manutenção de suas famílias.

Já em relação à rede da vizinhança, é possível notar diferenças significativas nos relatos. Em grande parte deles, os vizinhos aparecem com fonte de apoio, tanto material quanto de cuidado com os filhos, porém, diferentemente do que acontece com as redes familiares, a sua presença não é tão marcante. Geralmente, eles aparecem como a principal fonte de recursos nos casos em que as chefes não mantêm mais contato com seus familiares. Todas as chefes migrantes relataram que a mudança para a região foi devido ao desejo de encontrarem melhores condições de vida.

Através desses relatos, percebe-se que o peso dos laços consangüíneos é muito importante no contexto analisado. Quando eles estão presentes de maneira próxima, não só fisicamente, mas fazendo



parte do dia-a-dia dos domicílios das chefes, essas pessoas são apresentadas por elas como suas principais aliadas nas adversidades. Mesmo quando a presença dos vizinhos é decisiva nos momentos de maior privação, os parentes consanguíneos ainda são apresentados como um referencial seguro de apoio. Enquanto as relações entre vizinhos são mais fortes e desenvolvidas quando não há a presença de parentes, quando as chefes mantêm contato constante com sua rede parentesco, este possui um status superior quando comparado com suporte dos vizinhos. Os laços de sangue aparecem, então, como um apoio certo que causa menos constrangimento às chefes do que aquele proporcionado pelos vizinhos. Isto acontece porque a busca pelo auxílio dos vizinhos envolve certa exposição pública dos problemas e dificuldades pelas quais a chefe e suas famílias passam.

Entretanto, é importante ressaltar que a presença dessas redes sociais de apoio e solidariedade não garantem a essas mulheres um mundo sem privações. O grupo analisado faz parte de uma classe de renda baixa, que possui enormes dificuldades financeiras. O que o trabalho de campo mostrou foi que apesar e no interior dessas enormes dificuldades e problemas, as chefes conseguem manter relações sociais que, além de amenizar as carências desses domicílios, também permitem às mulheres obter informações que possam trazer alguns benefícios. Ou seja, direta (ajuda financeira ou em espécie) ou indiretamente (informações), essas mulheres são capazes de mobilizar recursos de maneira independente em situações de muita escassez e dificuldades. Seja através de parentes, vizinhos ou mesmo membros de igrejas e colegas de trabalho, observou-se que as chefes possuem recursos através do qual podem desenvolver estratégias que culminam em maior bem estar às suas famílias. O fato de conseguirem articular suas redes de relações sociais na tentativa de sanar suas maiores dificuldades pode ser considerado um indício de que são mulheres ativas e independentes.

Diante das narrativas das mulheres entrevistadas, conclui-se que há um conjunto considerável de visões de vida, ou seja, da vida dessas chefes que são determinadas pelos contextos sociais e históricos nos quais vivem. Os diferentes discursos e as contradições encontradas neles, como já assinalado, são resultado das vivências e experiências dessas mulheres. Nos discursos de uma delas, Cláudia, a chefia do domicílio é vista como algo problemático, devido a um complexo conjunto de fatores que resultaram nas condições de vida que ela tem hoje. Já no caso de outras chefes, ao assumirem a chefia de seus domicílios, um outro leque de oportunidades foi aberto, trazendo consideráveis benefícios e certo conforto, que pode ser material e/ou emocional. Evidentemente, não há um padrão com o qual se possa associar os sentimentos e as expectativas das mulheres quando se tornam as chefes de suas famílias e domicílios. Pioras e melhoras nas condições de vida também são relativos.

**E de que jeito você acha que a sua vida mudou depois que você se separou?**

Ah, assim, eu acho que ficou melhor. Pelo menos agora, eu tenho mais felicidade na minha casa, mais paz. Porque antes eu não tinha paz, não tinha sossego, não tinha felicidade, não tinha nada. Ai depois que ele foi embora, que eu assumi minhas filhas, que eu assumi minha casa, sem homem dentro de casa, ficou melhor, pra mim ficou melhor. Acho melhor. (Helena, 27 anos, babá, 2 filhas)

Olha, pra mim tá diferente assim, eu acho que eu tenho mais liberdade, tanto liberdade assim, de escolha, eu posso sair hoje, eu não tenho que ficar com aquele drama de ter que ficar dando satisfação se eu chego atrasada. Se eu saísse e falasse “eu vou chegar tal hora” e não chegasse, nossa, era aquilo. Ai eu tenho mais... a minha auto estima melhorou, o meu relacionamento profissional, eu era uma pessoa que era reprimida, sabe. Eu não podia conversar com ninguém que eu achava que ele tava olhando, sabe. Então, eu acho que mudou muita coisa, tanto profissionalmente, quanto espiritualmente, melhorou, eu estou mais tranqüila pra lidar com muita coisa assim. Agora eu tenho paz, sei lá, sossego. E olha a diferença, que antes eu morava em Barão Geraldo, mas eu estou assim, super contente. Eu estou em paz, uma paz muito boa. Porque agora, se eu quero estudar uma coisa, eu consigo, fiz bastante curso já. (Meyre, 41 anos, auxiliar administrativo, 4 filhos)

Mais independência e autonomia de um lado e maior responsabilidade de outro parece ser a contradição presente no universo pesquisado e que, associadas à participação das mulheres chefes no mercado de trabalho possibilitam uma visão mais geral de como estas mulheres lidam com elas. Entretanto, também é importante salientar que, no interior do discurso sobre independência e autonomia, a maneira como as chefes se vêem ou não como as principais responsáveis pelos seus domicílios também parece bastante interessante. Narrativas como as apresentadas a seguir podem ser bastantes elucidativas neste sentido.

“Ai hoje não, até um dinheirinho dá pra mim guardar. Dá assim, além de eu ter arrumado esse serviço, que eu ganho mais, ai agora eu mesma controlo minhas dividas, como eu gasto meu dinheiro, o que eu posso gastar, o que não dá. É assim, é assim, eu acho que mudou nessa relação, eu posso dar mais coisas pras minhas crianças do que em antes, né, que eu ficava dependendo dele. Tanto que as vezes, ele gastava o dinheiro, assim, em outras coisas que eu não via, né. Agora não, eu vejo, eu cuido do meu dinheiro.” (Zilma, 33 anos, costureira, 2 filhas)

“E o que mudou depois que o Maurício foi embora? Ah, não mudou nada né, fia, porque eu sempre fui mãe e pai dos meus filho, né.” (Ivete, 35 anos, cozinheira, 5 filhos)

“Então, era só eu mesmo, que eu venho carregando minha família nas costas já faz muito tempo, muito tempo, que eu venho sozinha lutando.” (Damiana, 51 anos, doméstica, 4 filhos)

Esses relatos dão alguns indicativos do caráter ênico da chefia, ou seja, eles sugerem que essas mulheres se vêem como as grandes responsáveis pelos seus domicílios e assumem o papel de chefe não só perante os órgãos oficiais que colhem esse tipo de informação e os pesquisadores que querem estudar essas mulheres. Elas se assumem como o “homem e a mulher” dentro da casa e além de vivenciarem tais papéis, conseguem exteriorizá-los por meio de expressões que agregam as ditas funções que homens e mulheres devem desempenhar no interior das famílias.

### **Bibliografia consultada:**

AGIER, Michel. “O sexo da pobreza. Homens, mulheres e famílias numa “avenida” em Salvador da Bahia”. In **Tempo Social**, Revista Sociol. Usp: SP, 2(2), 1990.

BARROS, Ricardo; FOX, Louise; MENDONCA, Rosane. “Female-headed households, poverty and the welfare of children in urban Brazil”. In **Economic Development and Cultural Change**. Vol 45, nº 2, 1997.

BARSTED, Leila. “De igualdades e de diferenças: falando sobre mulheres”. In RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais da sociedade brasileira**. São Paulo/SP: Loyola, 1995.

BILAC, Elisabete D. “Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil”. In **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo/SP: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: 1991.

GUIMARÃES, Iracema B. “Revisitando a família no cenário da pobreza”. In **Caderno CRH**. Salvador/BA, nº 29, 1998.

NEVES, Delma P. “Nesse terreno galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda”. **Anuário antropológico 83**. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1985.

OLIVEIRA, Maria C. F. A. “Condição feminina e alternativas de organização doméstica: as mulheres sem companheiro em São Paulo”. In **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Brasília\DF: ABEP, 1992. CD-ROM.

PACHECO, Ana Lucia P. B. **Mulheres pobres e chefes de família**. Rio de Janeiro, 2005. (Tese de Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PINELLI, Antonella. “Gênero e famílias nos países desenvolvidos”. In **Demographics**. Campinas/SP: ABEP, 2004.

SAFA, Helen. “Prólogo”. In GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. **Divergências del modelo tradicional: hogares de jefatura feminina en América Latina**. México: Ciesas, 1999.

SALEM, Tânia. “Mulheres faveladas: com a venda nos olhos”. In **Perspectivas Antropológicas da Mulher I**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1981.

SAMARA, Eni de M. “Mulheres chefes de família no Brasil: séculos XIX e XX. In **Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas**. Ouro Preto\MG: ABEP, 2002.

SARTI, Cynthia A.. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 1996.

THERBORN, Göran. “Prefácio”. In **Sexo e Poder: a família no mundo: 1900-2000**. São Paulo/SP: Contexto, 2006.

VAITSMAN, Jeni. “Pluralidade de mundos entre as mulheres urbanas de baixa renda”. In **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro/RJ, vol. 5, nº 2, 1997.

WARTENBERG, Lucy. “Vulnerabilidad y jefatura em los hogares urbanos colombianos”. In GONZÁLEZ DE LA ROCHA, Mercedes. **Divergências del modelo tradicional: hogares de jefatura feminina en América Latina**. México: Ciesas, 1999.

WOORTAMAN, Klaus. “Casa e família operária”. **Anuário Antropológico/80**. Rio de Janeiro/RJ: Edições Tempo Brasileiro/UFC, 1982.

\_\_\_\_\_. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro, 1987.